



Prática docente e migração venezuelana no Brasil: uma revisão de literatura¹

Eduardo Rafael Silva de Andrade

UFRPE (Brasil)

eduardo.eduardoandrade.andrade@gmail.com

Cibele Maria Lima Rodrigues

FUNDAJ (Brasil)

cibele.rodrigues@fundaj.gov.br

Wagner Lins Lira

UFRPE (Brasil)

wagner.lira@ufrpe.br

Resumo: O estudo investiga de que maneiras a prática docente em escolas públicas no Brasil é atravessada com a chegada de estudantes de origem venezuelana, que estão em situação de migração, na educação brasileira, trazendo como foco as implicações desse fenômeno pela perspectiva de docentes neste cenário. Inserido no contexto do aumento dos fluxos migratórios na América Latina, o trabalho objetiva construir uma análise de como o ingresso da criança ou adolescente migrante de origem venezuelana no contexto escolar brasileiro atual atravessa a prática de docentes no país. Aqui, a escola formal é compreendida como espaço de encontro intercultural, em que múltiplas experiências, línguas e identidades se encontram, o que pode exigir de profissionais da educação novas e diversas abordagens em sua atuação e reflexões sobre tais práticas. Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, utilizou bases como o Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e Google Acadêmico, tendo como delimitação o período de 2018 a 2025. A análise das produções acadêmicas localizadas, um total de 5 trabalhos, revela que o campo de investigação relacionando a migração dentro da América Latina com a prática docente brasileira ainda é pouco explorado, o que evidencia a invisibilização das crianças e adolescentes em situação migrante como sujeitos de direito à educação pública de qualidade e reconfigurações da prática docente nesta dinâmica. A escassez de estudos indica uma lacuna teórica e prática na formação de professores, o que nos leva a enfatizar a necessidade de políticas públicas que promovam o acolhimento efetivo de estudantes neste contexto. Os resultados apontam que as principais dificuldades enfrentadas por docentes estão relacionadas às barreiras linguísticas, diferenças culturais, ausência de formação continuada específica e falta de diretrizes institucionais voltadas à diversidade étnica e cultural. Podemos ver que em muitos casos, o trabalho pedagógico com estudantes migrantes é sustentado por iniciativas individuais, o que demonstra o compromisso ético e humano de alguns docentes, mas também a carência de suporte estruturado por parte do sistema educacional. Essa realidade reforça a predominância de práticas baseadas na assimilação cultural, em detrimento de abordagens criticamente interculturais capazes de valorizar os saberes e experiências de estudantes da Venezuela. A análise evidencia, também, que o enfrentamento desses desafios requer uma mudança de paradigma na educação brasileira. Neste caminho, defendemos que é necessário compreender a diversidade étnica como um contribuinte pedagógico e não como obstáculo educacional, incorporando-a à prática docente e ao currículo escolar. Ademais, neste estudo compreendemos a

¹ Pesquisa desenvolvida com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).



potencialidade de a escola ser um espaço de diálogo e construção coletiva do conhecimento, onde a presença do sujeito migrante não seja apenas física, mas reconhecida como oportunidade de enriquecimento cultural e pedagógico. Por fim, concluímos que a integração educacional de crianças e adolescentes migrantes depende da articulação entre políticas públicas, formação docente e práticas pedagógicas sensíveis à interculturalidade. Propõe-se uma reflexão crítica sobre o papel da escola na promoção da inclusão e da justiça social, de modo que a educação se configure como um campo capaz de acolher as múltiplas vozes e trajetórias que compõem o cenário migratório contemporâneo. Dessa forma, reafirma-se a necessidade de repensar o fazer docente diante das novas realidades sociais, reconhecendo a migração como elemento constitutivo da própria experiência educacional e da diversidade brasileira.

Palavras-chave: Educação. Migração venezuelana. Prática docente. Interculturalidade.

Introdução

O presente estudo se localiza em meio à atual realidade escolar brasileira frente ao contínuo fluxo migrante, mais intenso nos últimos dez anos, partindo de países latino-americanos e buscando novos caminhos em países do mesmo continente. Lidando com crises que têm ocorrido em vários países na América Latina, muitas pessoas têm que deixar seus locais de moradia, famílias, e trabalhos a fim de encontrar melhores possibilidades de vida em outro lugar (Wendling *et al.*, 2021; Lucena, 2023; 2024).

Diante deste grande fluxo migrante latino-americano, podemos entender que a jornada é iniciada, na maioria dos casos, por parte da família indo à frente para outro país, com consequências para as crianças. Diversos trabalhos acadêmicos e meios de comunicação apontam as mudanças nas vidas das famílias (Governo do Estado de Pernambuco, 2023; Santos, 2023; Lucena, 2024). Portanto, apesar da decisão ser feita por adultos, eles/as não andam apenas com sua geração, outras gerações são trazidas consigo. Assim, vemos que a busca por uma vida mais digna não é apenas para si e na situação em que estão, mas em busca de melhores condições, também, para as próximas gerações que estão constituindo-se neste contexto de migração internacional (Lucena, 2023, 2024; Grajzer, 2024; Cotrim, 2025).

Em vista disso, com um olhar mais focado para a educação formal em ambiente escolar, trazemos a discussão sobre como as práticas pedagógicas são atravessadas pelos processos migratórios latino-americanos em território brasileiro. Uma vez que, a construção de conhecimento e formação humana acontecem em diversos espaços (formais, não-formais, institucionais, comunitários, dentre outros), inclusive na escola, aqui identificamos este como um lugar de (re)construção e (re)encontro de saberes no encontro e socialização



de crianças e adultos na sociedade. A experiência escolar em um país diferente, com outra língua, vai ser repleta de desafios.

Este cenário nos provoca a construir uma análise de como o ingresso da criança ou adolescente migrante de origem venezuelana no contexto escolar brasileiro atual atravessa a prática de docentes no país. A fim de alcançarmos este entendimento, nos propomos a fazer um levantamento bibliográfico nas plataformas online: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), SciELO e Google Acadêmico. O foco é selecionar artigos científicos que abordam a perspectiva docente na relação escolar com estudantes migrantes de origem venezuelana no cenário brasileiro. E, por fim, analisar de que forma o que é discutido nestas publicações contribui para a compreensão das estratégias que docentes em diversas partes do país têm tomado a fim de integrar o/a estudante migrante da Venezuela nas escolas públicas brasileiras.

No artigo de Costa e Mesquita (2025), a pesquisa de levantamento bibliográfico tem como categoria selecionada pesquisas em formato de dissertação (Mestrado) e teses (Doutorado) acerca da inserção do público migrante venezuelano em escolas brasileiras, o interessante trabalho indica a crescente busca acadêmica de compreender as dinâmicas educacionais com foco em estudantes oriundos da Venezuela dentro do movimento de migração latino-americana. Assim, evidencia a importância e o avanço na discussão sobre educação de crianças e adolescentes migrantes, o direito do acesso à escola (Gluz *et al.*, 2018), e caminhando para o que ocorre dentro do ambiente escolar na relação de ensino-aprendizagem.

A seguir, trazemos a discussão desenvolvida a partir dos textos selecionados, a abordagem e justificativa metodológica que utilizamos, na etapa final, as conclusões que tivemos diante do que foi encontrado nas publicações.

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada através da metodologia de revisão de literatura (Finelli *et al.*, 2022; Teixeira, 2023), uma vez que se mostra uma estratégia eficaz para entendermos o que tem sido discutido sobre um determinado assunto utilizando alguns termos demarcadores de busca. Assim, o foco na prática docente na sua relação com famílias, crianças, e adolescentes de origem venezuelana que estão em situação de migração forçada em diferentes partes do Brasil.

Sendo assim, fizemos um levantamento de artigos científicos publicados, entre 2018 e 2025, nas plataformas: Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico, e SciELO,



filtrando por trabalhos relacionados à educação básica que trouxessem discussões sobre a prática docente, utilizando como descritores os seguintes termos, junto com a quantidade de trabalhos identificados: “Migração e prática docente” (0), “Migração e docência” (0), “Migração latino-americana” (0), “Migração e educação” (0), “Estudantes venezuelanos” (0), “Alunos venezuelanos” (5), “Estudantes da Venezuela” (0).

Com isso, entendemos que o número de trabalhos encontrados contempla especificamente a experiência com alunos/as migrantes de origem venezuelana, público latino-americano que mais tem incluído o Brasil na trajetória de migração (IBGE, 2025; Brasil, 2025); o que, também, traz à luz a invisibilização do sujeito em processo de migração enquanto pessoa de direito à educação pública e de qualidade, ainda mais alarmante quando falamos de crianças e adolescentes.

Como nosso objetivo foi de localizar, coletar, e analisar trabalhos que abordam o movimento migrante de pessoas oriundas da Venezuela, sua relação com e na escola, e trazendo a perspectiva docente neste contexto, pudemos reunir um total de 5 trabalhos publicados em formato de artigo acadêmico dentro do tempo determinado e que articulavam com o interesse da pesquisa.

O que dizem os trabalhos

Com a chegada de famílias migrantes de origem venezuelana no Brasil, o acesso destas crianças e adolescentes a contextos educacionais formais em um novo país faz com que a escola (não apenas como instituição, mas, a comunidade em si) repense suas práticas e perspectivas, mais especificamente, o/a profissional que trabalha diretamente com discentes neste contexto. A fim de nos aproximarmos de como tem ocorrido este processo, trazemos cinco artigos científicos, resultado de nossa busca, para a discussão e posterior análise de como docentes têm lidado com suas práticas neste novo contexto.

A pesquisa de Portela *et al.* (2018) trabalhou a perspectiva docente sobre sua própria prática diante do grande número de estudantes, visto que a escola se localiza em Roraima, mais precisamente no município de Pacaraima, estado que mais tem sido atravessado na jornada migrante devido a sua proximidade geográfica. Diante disso, podemos ver que docentes com formação em Pedagogia, Geografia e História relataram, na entrevista aplicada, os desafios na educação de estudantes venezuelanos/as, principalmente pela barreira linguística, uma vez que o corpo docente entrevistado não tem domínio da língua espanhola. Neste trabalho, podemos ver no corpo do texto as falas/respostas e as reflexões que surgem a partir delas.

Com isso, é evidenciada a consciência da necessidade de mudanças metodológicas em suas práticas docentes devido à realidade estudantil que tem na escola fronteiriça. Entretanto, Portela *et al.* (2018) apontam que é preciso ir além do campo das ideias e transformar essa consciência em situações concretas, pois só assim é que caminharemos rumo à diversidade cultural, linguística e inclusiva dentro da escola.

O trabalho de Avelino (2020) traz como propósito analisar a prática de docentes do 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Boa Vista, em Roraima. A metodologia aplicada foi de observação de aulas e um questionário. Um ponto importante é que a autora traz as falas/respostas, no corpo do texto, das professoras para análise. De início, podemos ressaltar a postura e a experiência migrante dos/as estudantes venezuelanos/as diante do aprendizado de língua portuguesa, por estarem em contexto de migração forçada, algumas crianças mostraram-se resistentes a aprender este idioma.

Simultaneamente, o desafio docente origina-se em sua própria prática, uma vez que estruturas gramaticais, muitas vezes desconexas com a realidade fora da escola, tendem a ser o grande centro de atenção no ensino de língua portuguesa no Brasil. Sobre estratégias metodológicas, os/as docentes afirmam trazer diferentes abordagens, como cartazes, músicas, atividades em grupo, e a interculturalidade dentro da sala de aula.

Entretanto, o instrumento mais presente na relação ensino-aprendizagem é o livro didático; o que pode ser ligado à ausência de formação continuada para melhor lidar com a realidade estudantil da/na escola na aprendizagem de uma nova língua. Assim, concordamos com a autora ao afirmar que é preciso “[...] considerar não só a presença do aluno venezuelano na sala de aula mais (*sic*) também o perfil sociolinguístico desses alunos e sua condição de imigrante” (*ibid*, p. 2301).

O estudo de Lima (2020) tem como direcionamento examinar as estratégias avaliativas de uma docente de língua portuguesa, focando na produção escrita, em uma escola estadual de Boa Vista, Roraima. Para isso, foi aplicado um questionário com quatro perguntas abertas, e foram obtidas respostas bastante sucintas que provocaram outros questionamentos na pesquisadora. Aqui, a autora traz as falas/respostas da professora para que possamos ter melhor compreensão das análises feitas. O trabalho da professora com os/as quatro estudantes venezuelanos no período da pesquisa já ocorria há quase um ano.

E é curioso trazer a informação de que estes mesmos estudantes estão matriculados no oitavo ano do Ensino Fundamental e têm entre 15 e 16 anos de idade. Voltando à docente, as respostas dela indicam que ela não tem dificuldade com essas/es estudantes e estes sujeitos demonstram mais interesse no aprendizado que o corpo estudantil de origem



brasileira. Quanto à frequência de avaliação, a docente relatou que é constante, entretanto não tinha textos dos/as alunos/as para exemplificar. A avaliação dessas frequentes produções escritas é aplicada da mesma maneira que é com estudantes brasileiros/as, na verdade, a professora não compartilhou exemplos de critérios utilizados nem para o público brasileiro, nem venezuelano.

Assim, podemos entender que o processo de aprendizagem está no caminho da assimilação. As breves e totalmente positivas respostas da professora podem ser uma demonstração de domínio de sua prática docente diante da diversidade cultural, linguística, e de nacionalidades na mesma sala; o que seria ainda mais interessante por estar no caminho contrário do discurso docente em diversas partes do Brasil, incluindo o estado de Roraima.

Por outro lado, pode ser uma demonstração da fragilidade docente, estratégia de proteger-se de críticas negativas sobre sua prática, frente à ausência de orientações e políticas públicas. É constatada a falta de uma formação específica a fim de auxiliar professoras e professores a repensar, replanejar, e reconstruir a própria prática pedagógica diante do fluxo migratório dentro da América Latina, mais frequentemente sendo protagonizado por pessoas oriundas da Venezuela.

A pesquisa de Miyahira e Molinari (2020) busca investigar como ocorreu a inserção de estudantes da Venezuela em escolas localizadas em Santo Amaro, Campo Limpo e Bom Retiro, distritos da cidade de São Paulo. Consideramos relevante ressaltar as formas de recepção, e ausência desta, por parte das escolas. A escola do primeiro distrito é privada e não realizou nenhuma devolutiva diante do interesse dos pesquisadores em fazer entrevistas no local sobre a prática pedagógica e sua relação com o público migrante venezuelano. No segundo distrito, a orientação foi que a entrevista fosse diretamente com um professor, este sendo formado em Educação Física, mas, por causa de problemas estruturais da escola, foi remanejado à sala de leitura.

Com isso, por própria provocação e motivação diante da realidade escolar ao ter estudantes de outras nacionalidades, este docente começou a ter reuniões mensais com estudantes internacionais (com outras nacionalidades além da venezuelana) na escola para tentar integrá-los/as e debater questões relacionadas a *bullying* e prevenção contra as drogas, por exemplo. Ressaltamos que esta atitude partiu do docente, não da coordenação ou direção.

Consideramos interessante apontar que as falas/respostas do docente não são apresentadas no corpo do texto, apenas informações compartilhadas através das vozes da autora e do autor, e suas análises. Já no terceiro distrito, a entrevista ocorreu com o



coordenador pedagógico, este relatando que a escola não enfrentava problemas entre os/as alunos/as, nem na docência, enfatizando a rápida adaptação por parte dos/as migrantes venezuelanos/as, principalmente à língua portuguesa. Chamou atenção o fato de a escola não ter práticas específicas para isso.

O artigo de Damaceno (2020) teve como público foco docentes de Língua Portuguesa dos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Boa Vista - Roraima. Como estratégia metodológica, utilizaram um questionário a fim de obter dados sobre o processo de ensino com estudantes venezuelanos. Infelizmente, as falas/respostas das/os docentes participantes da pesquisa não aparecem no corpo do texto, apenas temos o olhar da autora sobre as informações compartilhadas, assim, este é o ponto de partida de nossa análise.

Com isso, percebemos que o processo contínuo de adaptação não ocorre apenas entre os/as estudantes, mas atravessa também o corpo docente da escola, visto que a reformulação da prática ocorre diariamente. Por outro lado, com base no que é dito pela autora, podemos entender que as estratégias docentes buscam integrar e unir turmas de forma bastante abrangente, independente das nacionalidades envolvidas, fazendo uso de atividades pedagógicas em grupo, algo que ocorre corriqueiramente em qualquer sala de aula em qualquer lugar do mundo. O que pode justificar a constante busca ativa por parte dos/as estudantes venezuelanos pelo aprendizado, como os/as professores/as entrevistados/as apontaram.

A autora conclui que é necessário, por parte do corpo docente, trazer uma abordagem educacional diferenciada a fim de os/as estudantes atravessarem o campo da assimilação de conteúdo, assim como maior aproximação da língua materna da criança migrante, uma vez que a língua espanhola ainda se apresenta como uma barreira linguística, e consequentemente, educacional.

Diante do exposto, podemos destacar alguns pontos em comum. Metodologicamente falando, de cinco trabalhos, os de Avelino (2020), Lima (2020), e Damaceno (2020) utilizaram questionários para obter respostas mais objetivas para o que os/as pesquisadores/as estavam buscando. Esse instrumento é bastante limitado por não abranger a complexidade da experiência.

De forma mais próxima, Portela *et al.* (2018) e Miyahira e Molinari (2020) fizeram o uso de entrevistas como instrumento metodológico, o que é significativo no contexto escolar, pois na entrevista, os sujeitos entrevistados podem expor mais suas perspectivas.



E, de modo a captar melhor a realidade do dia a dia escolar, Avelino (2020) fez observação das aulas de forma complementar ao questionário.

Outro ponto a discutir é a decisão de trazer, ou não, as falas/respostas de docentes no texto dos artigos. Como todas/os as/os pesquisadoras/es tiveram contato direto com as perspectivas de docentes sobre o assunto abordado, seja por meio de entrevistas ou questionários, consideramos pertinente que Portela *et al.* (2018), Avelino (2020), Lima (2020), demonstraram de onde estavam partindo as análises feitas; entretanto, em Damaceno (2020), e Miyahira e Molinari (2020) não há esta dinâmica.

Ao apontarmos isso, não buscamos criticar negativamente as abordagens metodológicas utilizadas, mas exemplificar caminhos que podem trazer maior proximidade entre os diálogos acadêmicos e escolares, entre pesquisa e campo, entre pesquisador/a e sujeito de pesquisa. Desta forma, procurar não silenciar vozes tão relevantes para nossas investigações (Spivak, 2010).

Em uma perspectiva linguística, Portela *et al.* (2018), e Damaceno (2020) apontam a dificuldade de docentes na comunicação com estudantes pela barreira emergente nesta relação entre as línguas espanhola e portuguesa. Por um lado, apesar de o aprendizado de um idioma estrangeiro por parte do corpo docente ser algo inspirador, compreendemos que o aprendizado em si não ocorre instantaneamente, ao mesmo tempo que desafiante devido à dinâmica que constitui a vida da pessoa docente dentro e fora do trabalho.

Por outro lado, há a perspectiva das pessoas no processo de migração forçada, e é crucial entendermos o que a língua carrega consigo, como vemos no artigo de Avelino (2020), algumas crianças recusam-se a aprender a língua portuguesa, estratégia que podemos relacionar ao combate da perda de sua língua materna (espanhol), com isso, suas vivências e culturas ao adentrar em um novo mundo, uma nova lógica que se abre ao aprender uma língua estrangeira.

Consequentemente, a/o docente, sem suporte da formação continuada ou orientações mais adequadas para o processo de ensino-aprendizagem com estudantes internacionais, encontra-se em uma situação desafiadora, como encontramos em Portela *et al.* (2018), Avelino (2020) na ênfase de uso do livro didático e tópicos gramaticais, e principalmente em Miyahira e Molinari (2020), pois o docente é formado em Educação Física, está trabalhando na sala de leitura da escola, e diante deste desafio busca integrar as/os estudantes internacionais ao contexto escolar e social fazendo uso de discussões de tópicos que vão além da escola.



Estas violências institucionais atravessam o corpo docente e são refletidas no corpo discente, pois como vemos em Lima (2020), e Damaceno (2020) as práticas docentes não são adaptadas para o sujeito venezuelano em território brasileiro, não enxergam como a nova realidade pode impactar o processo de aprendizagem desta criança e/ou adolescente, assim, invisibilizando a trajetória venezuelana até chegar na escola.

Com isso, a relação de ensino-aprendizagem fica no campo da assimilação, sem expandir todas as possibilidades que esses encontros poderiam proporcionar. O que pode ser a razão para que este mesmo público estudantil busque outras estratégias, mais eficazes, de estudo fora da escola, uma vez que superam os resultados de alunos/as brasileiros/as (Lima, 2020; Damaceno, 2020).

Conclusões

Considerando os aspectos discutidos, concluímos que a prática docente, em grande medida, baseia-se na perspectiva individual dos/as professores/as, devido à falta de diretrizes específicas e formação continuada para lidar com a integração de crianças e adolescentes em situação de migração internacional. Essa lacuna é prejudicial tanto para os/as docentes quanto para os/as discentes, uma vez que perpetua a invisibilização de sujeitos migrantes e reforça uma aprendizagem por assimilação, limitando as possibilidades de desenvolvimento educacional e social.

Ao longo deste trabalho, destacamos como a diversidade étnica, linguística, e cultural dos/as estudantes migrantes desafia o modelo eurocêntrico predominante nas escolas brasileiras, expondo a necessidade de um diálogo que acolha saberes diversos. Assim sendo, observamos que a educação, muitas vezes, se transforma em um espaço de disputa epistêmica, em vez de um ambiente de acolhimento e transformação.

Pedagogicamente, destacamos a importância da autorreflexão sobre a prática docente e como esta acolhe a experiência estudantil, que acontece dentro e fora da escola, e a integra na relação docente-discente e ensino-aprendizagem. Essa abordagem deve ser vista como um ato de resistência e (re)construção, capaz de transformar o ambiente escolar formal em um espaço mais justo, inclusivo e reflexivo.

Diante disso, não apenas a integração da criança ou adolescente migrante na escola se faz necessária discutir, mas também, o que essa nova realidade provoca na prática docente, uma vez que, como já apontado (Matos-De-Souza *et al.*, 2022), a invisibilização do sujeito migrante enquanto estudante da rede pública de ensino também ocorre nos documentos curriculares. A ausência de orientações e formação continuada em articulação



com a prática docente junto a estudantes em situação de migração pode causar insegurança no/a profissional quanto ao procedimento para/com a/o estudante migrante na escola.

Referências

AVELINO, Luciana Maria de Araújo. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS VENEZUELANOS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020. p. 2286-2304. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/78supl/COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BRASIL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. Brasil registra 194,3 mil novos migrantes em 2024. Fluxo migratório. Publicado em 07 fev. 2025. Atualizado em 13 fev. 2025. Disponível em: <[https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/brasil-registra-194-3-mil-novos-migrantes-em-2024#:~:text=Bras%C3%ADlia%2C%2006%2F02%2F2025,e%20refugiados%20reconhecidos%20\(12.726\)](https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/brasil-registra-194-3-mil-novos-migrantes-em-2024#:~:text=Bras%C3%ADlia%2C%2006%2F02%2F2025,e%20refugiados%20reconhecidos%20(12.726).)>. Acesso em: 14 jun. 2025.

COTRIM, Elen Arianne Azevedo **O acesso de jovens refugiados venezuelanos: educação e democratização do ensino médio na rede estadual de educação na região norte do Brasil** / Elen Arianne Azevedo Cotrim. 2024. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10626>>. Acesso em: 31 mai. 2025.

COSTA, Maria Adriana Pereira Oliveira; MESQUITA, Lucas Ribeiro. **Estudantes venezuelanos matriculados na rede pública da educação básica brasileira**. 2025. Trabalho de Conclusão de Especialização (Especialização em Relações Internacionais para Docentes da Educação Básica) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 7 abr. 2025. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/items/d4193cd1-1458-448c-a2f9-8a240b6f4351>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

DAMACENO, Regina Moura. AS RELAÇÕES ENTRE AS FORMAS DE ENSINAR ALUNOS BRASILEIROS E VENEZUELANOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BOA VISTA-RR. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020. p. 1002-1017. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/78supl/COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

FINELLI, Leonardo Augusto Couto; SOARES, Wellington Danilo; ANTUNES, Ciro Carlos. O QUE É UMA REVISÃO DA LITERATURA? A ESTRUTURA METODOLÓGICA DE REVISÕES. *IN*: FINELLI, Leonardo Augusto Couto; SOARES, Wellington Danilo (ORGs.). **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O USO DA METODOLOGIA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS - VOL. 2**. ed. 1. 2022. p. 60-74. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/221211449#google_vignette>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: CONCEITUAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019. DOI:



10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73. Disponível em:
<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GLUZ, N.; OLIVEIRA, D. A.; LIMA RODRIGUES, C. M. Inclusion policies and extension of compulsory school: Scope, debt and challenges in the realization of the right to education. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 26, p. 155, 2018. DOI: 10.14507/epaa.26.3788. Disponível em:
<https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3788>. Acesso em: 31 mai. 2025.

GRAJZER, Deborah Esther. **Crianças refugiadas e migrantes na fronteira norte do Brasil: a educação como espaço de proteção** / Deborah Esther Grajzer ; orientadora, Luciane Maria Schlindwein, 2024. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188092/PEED1323-D.pdf?sequence=-1>>. Acesso em: 31 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2022: fecundidade e migração: resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. 129 p. Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102187>>.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.

LIMA, Francinete de Sousa. INTERFERÊNCIA LINGÜÍSTICA EM PRODUÇÕES TEXTUAIS E PROCESSO AVALIATIVO DE ALUNOS VENEZUELANOS DO 8º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE BOA VISTA-RR. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020. p. 1826-1840. Disponível em:
<<http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/78supl/COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

LUCENA, Camila. A escolarização venezuelana em Igarassu/Pernambuco: migração venezuelana, exclusão e resistência. **Revista Diálogo Educacional: Educação em Contextos Humanitários**, vol. 24, n. 81, p. 505-527, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.081.DS06>. Acesso em: 20 mai. 2025.

_____, Camila. **Narrativas do acolhimento: ressonâncias político-discursivas da/na integração escolar do migrante/refugiado venezuelano no município de Igarassu/PE**. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/51429>>. Acesso em: 31 mai. 2025.

MATOS-DE-SOUZA, R.; RODRIGUES, M. dos R. .; BARBOSA DE MOURA, E. M. . MIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO: A INVISIBILIZAÇÃO DO MIGRANTE NOS DOCUMENTOS CURRICULARES DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 31, n. jan/dez, p. 1–21, 2022. DOI: 10.29286/rep.v31jan/dez.12671. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12671>. Acesso em: 27 mai. 2025.

MIYAHIRA, Elbio; MOLINARI, Simone Garbi Santana. LOCALIZAÇÃO E ACOLHIMENTO DE ALUNOS VENEZUELANOS NAS ESCOLAS DE SÃO PAULO. **VIVÊNCIAS AMAZÔNICAS: contextos, culturas e diversidades**. v. 3 n. 1 (2020). 1-21 p.



Disponível em:

<<https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/article/view/5620/pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PORTELA, Selma Maria Cunha; SILVA, Claudina Miranda e; SOUSA, Janaene Leandro de; ROCHA, Gleidiane Brito de Araújo. A didática do professor no brasil fronteira: desafios e possibilidades no processo de inclusão de alunos venezuelanos. **Anais V CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em:

<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45650>>. Acesso em: 21 jun. 2025

SANTOS, Veronica Vizotto dos. **Ensino de uma segunda língua para crianças imigrantes no período da alfabetização na escola democratizada**. 2023. Dissertação (Mestrado em Cultura, Filosofia e História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/D.48.2023.tde-14062023-111455. Acesso em: 20 mai. 2025.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CRIANÇA, JUVENTUDE E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA E ÀS DROGAS. SECRETARIA EXECUTIVA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Governo do Estado de Pernambuco. Recife, PE, [2023].

Diagnóstico sobre migrantes. Disponível em:

<https://www.sigas.pe.gov.br/files/07132023114348-diagnostico.migracao.10.07.23.pdf>.

Acesso em: 27 mai. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Gayatri Chakravorty Spivak; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini. **Estados da Arte**: aparando arestas na compreensão dessa modalidade de pesquisa. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 29, e23034, 2023. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/vZDnsY48PqFyr5Jc7N7htbp/>> . Acesso em 23 jun. 2025.

WENDLING, K. C. da S.; NASCIMENTO, F. L.; SENHORAS, E. M. . A CRISE MIGRATÓRIA VENEZUELANA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 8, n. 24, p. 01–14, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5651479. Disponível em:

<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/500>. Acesso em: 30 mai. 2025.